



GABRIEL,
O CARAPAU
DE CORRIDA



A casa dos avós fica no campo, numa aldeia pequenina. Da cidade, onde Gabriel mora, são, pelo menos, três horas de carro, primeiro por autoestrada, depois pela nacional e por fim pela estrada que desemboca numa rua larga que atravessa a povoação de lés a lés.

A casa dos avós é uma das últimas da rua, numa fila de casas. É uma casa térrea com uma cercadura azul, duas janelas e a porta também azuis, com a fachada e a chaminé caiadas. As divisões são pequenas e compridas; lá dentro cheira a alfazema e roupa lavada, posta a corar.

Nas traseiras, há uma horta com tomates, pés de feijão, couves. O cágado Tobias passeia-se, molengão, nos regos. Um limoeiro cresceu à entrada da arrecadação, mesmo ao fundo, encostado ao muro, perto do portão que dá para as traseiras.

Gabriel gosta dos avós, mas não lhe agrada nada a ideia de ir passar lá as férias durante todo o mês de agosto. Todos os dias são iguais. O avô acorda muito cedo e deita-se muito cedo, com as galinhas. A avó anda sempre na lida da casa. Depois do almoço, dormem uma sesta interminável.

Não lhe valeu de nada refilar e amuar. No princípio do mês, a mãe trouxe-o de carro, com a mochila e a *playstation*, e despediu-se com um grande beijo, que o deixou de coração apertado.

Nos primeiros dias, Gabriel entretém-se a ver desenhos animados e filmes. Joga até lhe doer a vista. De vez em quando espreita, às horas da tarde, a rua deserta. Ouve um cão a ladrar no quintal do vizinho, mas não vê viva alma. Faz muito calor à torreira do sol. Não há nada pior que as silenciosas horas da tarde, antes do lanche, do bolo de limão e do refresco de grose-

lha. Além disso, não conhece ninguém, exceto o vizinho, já velhote, que uma vez lhe mostrou um bicho engraçado, um ouriço-cacheiro. Tem saudades dos amigos da escola. Queria muito ter alguém com quem brincar.

Volta aos filmes e aos jogos, mas as longas tardes de verão costumam cada vez mais a passar. Aborrecido, põe-se a espreitar a rua do portão das traseiras. No quintal, o cágado Tobias nada em círculos no tanque da rega, estica a cabeça, aparece e desaparece. Empoleirado, Gabriel imita o cágado, estica a cabeça e observa a estrada que serpenteia até à capela, um pontinho branco lá no alto.

Ao longe, um vulto pedala colina abaixo. À medida que se vai aproximando, parece-lhe que é um rapaz dobrado sobre uma bicicleta e Gabriel acena-lhe. Daí a um instante, um miúdo mais ou menos da idade dele passa disparado a pedalar na sua pasteleira, uma bicicleta velha e ferrugenta, a grande velocidade. Tem o cabelo encaracolado, muito escuro, veste uma *t-shirt* e umas calças de ganga debotadas. O rapaz alça-se no selim e grita-lhe enquanto pedala, sou o Joaquiíiiii-mmmmm Agostiíiiiiinho, e some-se numa nuvem de pó, na curva da estrada.

Ao lanche, entre uma dentada no bolo de limão – que delícia – e um sorvo no refresco, pergunta ao avô quem é Joaquim Agostinho. O avô explica-lhe que foi um ciclista, um exímio corredor como o tio Júlio, só que famoso. Como tinha uma maneira desengonçada de pedalar, pois começara tarde no ciclismo e por um acaso, chamavam-lhe na brincadeira *Quim Cambalhotas*.

No dia seguinte, enquanto os avós dormem a sesta, Gabriel decide subir outra vez ao muro na esperança de voltar a ver o rapaz da bicicleta. No entanto, nesse dia, ele não aparece e Gabriel, aborrecido, volta para o quintal, deambula pelo pátio e decide ir espreitar a arrecadação cuja porta está entreaberta. Na penumbra, choca com um carrinho de mão. A motorizada do avô também está ali estacionada.





Ao lado de umas bilhas e selhas, Gabriel descobre quatro caixas de cartão empilhadas. Lá dentro, há coisas antigas, uma espécie de tesouro. São jornais, revistas, livros e cassetes de vídeo. Até um disco de vinil encontra; tem na capa uma palavra difícil, *Kraftwerk*. Tudo sobre ciclismo. Gabriel gosta particularmente da coleção de cromos com os melhores ciclistas de todos os tempos e as suas histórias fabulosas. Gino Bartali, o *Leão da Toscana*, que durante a Segunda Guerra Mundial salvou muitos judeus transportando documentos falsos na sua bicicleta. Fausto Coppi, o *Campionissimo*, que começou a entregar as compras da mercearia em contrarrelógio. Eddy Merckx, o *Canibal*, porque «devorava» todas as provas em que participava. Bernard Hinault, o *Pequeno Texugo*, sempre a pedalar com imensa genica. Marco Pantani, o *Pirata*, com um lenço na cabeça e um brinco na orelha. A Volta a Portugal, o *Giro* de Itália, a *Vuelta* a Espanha. E, claro, o *Tour de France*, a prova rainha do ciclismo, a mais difícil e exigente de todas as provas desportivas no mundo. Gabriel preenche as longas tardes a ver as velhas cassetes no leitor de vídeo e a ler tudo, de fio a pavio. Agora sabe de cor todas as datas e proezas, todos os nomes e alcunhas!

Noutra tarde, resolve voltar à arrecadação para procurar mais coisas e qual o seu espanto quando, por debaixo de um oleado, semiescondida pela motorizada do avô, Gabriel descobre o maior de todos os tesouros... uma bicicleta cromada e vermelha, muito bonita, com o guiador e o selim forrados a pele. A bicicleta do tio Júlio!

A mãe tinha quatro irmãos, e o tio Júlio, que Gabriel já não conhecia, era o mais velho. Morreu num acidente uns anos antes de Gabriel nascer. A mãe contara-lhe algumas histórias sobre o tio Júlio, que desde pequeno tivera uma paixão por bicicletas. Como o rapaz da pasteleira, também quisera ser um grande ciclista como fora o Joaquim Agostinho.

Gabriel começa a sonhar acordado.

Decide pedir ao avô para o deixar andar na bicicleta do tio

Júlio. Primeiro, dá umas voltas desajeitadas, aprendeu a andar numa mais pequena, mas pouco a pouco toma-lhe o jeito e aventura-se na rua deserta.

A princípio, vai sozinho. Depois junta-se-lhe um pelotão imaginário, os melhores de todos os tempos, a correr com ele, ombro a ombro, lado a lado. Ali vai o *Canibal* a par com o *Pirata*. Juntam-se-lhes Bahamontes, o *Águia de Toledo*, Miguel Indurain ou *Miguelón*, na roda de Alberto Contador, o *Pistoleiro*. No passeio, há uma multidão a aplaudir, com bandeiras e cartazes. A rua torna-se mais larga, mas mais íngreme a cada pedalada. Gabriel alça-se no selim e grita ao vento, 'bora aí, Mont Ventouuuuux. E continua a pedalar com uma força e uma alegria desconhecidas. Então, sem que Gabriel se aperceba de onde, aparece o miúdo da pasteleira, o tal *Joaquim Agostinho*, que a sprintar o passa que nem um tiro e lhe dá uma abada.

– Apanha-me se puderes, ó Carapau de Corrida!

Em duas ou três pedaladas, o rapaz distancia-se. Gabriel esforça-se por acompanhá-lo, a suar as estopinhas. E o rapaz grita-lhe, vamos a eles, olha ali os fugitivos... e aponta para o cimo da estrada, onde obviamente não há senão o reflexo lustroso do calor no alcatrão.

Gabriel aceita o desafio: aponta para o carro-vassoura imaginário, olha, olha, temos perseguidores... vamos, vamos! Na verdade, está em dificuldades para acompanhar o ritmo do companheiro, mas não quer dar parte de fraco.

A rua sobe e sobe e sobe. Mesmo para o miúdo da pasteleira, que é forte e experiente, o esforço é tremendo. A meta imaginária está adiante, lá no alto, mas mais parece que está mesmo no cimo de uma montanha.

A subida acentua-se a cada metro, e não, não é imaginação. O rapaz vai lançado, mas de repente é forçado a parar. Soltou-se-lhe a corrente. Gabriel ultrapassa-o. Depois desacelera, para e vem ter com ele.

– Somos uma equipa, vamos ser penalizados, diz Gabriel, tenho de te ajudar. O novo companheiro de equipa olha para



ele e assente. Gabriel oferece-lhe água do seu bidon, que o outro agradece. Depois, recolocam a corrente num instante e atiram-se aos selins.

– Como te chamas?

– Gabriel.

– E tu?

– Quim.

– Sabes que a corrida mais famosa do mundo começou em 1903?

– Qual?

– A Volta a França! Foi a primeira corrida de bicicletas do mundo! Às vezes, a primeira etapa começa noutro país, a Bélgica por exemplo, embora seja a Volta a França. Em francês, dizem *Tour*.

– Onde aprendeste isso?

– O meu tio Júlio era ciclista! E tinha uma alcunha, como todos os grandes ciclistas...

– E eu sou o Joaquiimmmm Agostiiiiinho, grita Quim como de costume.

– O Joaquim Agostinho era o *Quim Cambalhotas* porque tinha uma maneira esquisita de pedalar!

– Ah, ah, eu também me chamo Joaquim. E tu és Gabriel, o Carapau de Corrida!

– Está bem, diz Gabriel, rindo. Tive uma ideia, acrescenta. Agora vais tu na bicicleta do tio Júlio e eu vou ser o teu aguadeiro! Quim, surpreso e agradecido, contempla maravilhado aquela magnífica bicicleta de corrida: quadro vermelho, guidador curvo com pegas em pele, selim estreito e comprido, rodas de 28 polegadas com pneus finos, pedais reluzentes, dois pratos de 18 mudanças e uma corrente oleada e pronta a rolar.

Montam as bicicletas. Agora Quim pedala na bela máquina vermelha e cromada e Gabriel na pasteleira velha e ferrugenta. Vai um à frente e depois vai o outro. Revezam-se e assim doseiam o esforço. Avistam a capela lá em cima no descampado.

– Estamos quase lá! Só nos falta o *sprint* final...

– Sim, vamos, força!

Ao longe, a bola compacta do pelotão imaginário há muito se desfez numa fila comprida e sinuosa como uma cobra.

A capela fica a poucos metros, no alto da colina. Quim vai agora ligeiramente à frente. Olha para trás, por cima do ombro, para ver como está Gabriel e incentiva-o:

– Eh Gabriel, força, tu és o Carapau de Corrida!

Abranda a velocidade para que Gabriel consiga acompanhar o seu ritmo e ficar a par. Entreolham-se e sorriem. A chegada está a poucos metros. Num último esforço, de mãos dadas ao alto, cruzam a meta juntos, como tantas vezes fazem os verdadeiros campeões. Das bermas, chovem vivas e aplausos imaginários.